



HEIDEGGER, M. *Sobre a essência da linguagem: a metafísica da linguagem e a vigência da palavra: a respeito do tratado de Herder "Sobre a origem da linguagem"*. Petrópolis: Vozes, 2015.

*Leonardo Domingos Braga da Silva\**

Sobre a Essência da linguagem, na tradução de Ênio Paulo Giachini, traz as anotações de Martin Heidegger para o seminário de verão de 1939 e os protocolos de participantes do seminário. O subtítulo situa bem o caminho que será seguido na investigação da linguagem: “a respeito do tratado de Herder sobre a origem da linguagem”. O livro tem duas partes, nas quais esta resenha se divide: a primeira parte são os comentários de Heidegger, a segunda, dos alunos. O tema central do curso é a questão pelo significado de uma pergunta pela origem da linguagem: a) como surgimento do acontecimento da linguagem; b) como proveniência e causação da capacidade de fala; c) como fundamento da possibilidade da linguagem como possibilitação essencial.

No curso, Heidegger não deixa de inserir seu pensamento mais próprio e com isso forçar os limites do pensamento de Herder que permanece, pare ele, ainda amarrado à ontoteologia, se perguntando pela possibilidade do novo começo da metafísica. Ele observará que Herder tenta evitar a solução comum de seu tempo segundo a qual essa origem é divina, afirmando, contra essa hipótese que “toda causa precisa conter aquilo que produz como efeito, assim, deus teria de possuir um corpo, mas já que é espírito puro, não pode ter feito a linguagem” (p. 82). Herder, por isso, irá defender que o humano deve ser pensado como inventor da linguagem, invento esse que compensa as suas faltas constitutivas e o restabelece no conjunto de uma visão harmônica da natureza. A harmonia está em o humano também receber um correlato ao instinto, armas e defesas para a vida, pois não é provável que a natureza que a todos prepara, apenas despreparasse o humano. Conforme a exposição de Heidegger, a linguagem compensa, é auxílio emergencial para o humano poder viver.

---

\* Mestrando em Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, Natal, RN; Bacharel em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, Natal, RN (2019).

E-mail: leonardexistmans@gmail.com.



Heidegger observa que a tradição metafísica pergunta pelo fundamento do ente enquanto essência, buscando, então, saber a origem da linguagem, de modo que, Herder pensa a diferença entre o humano e o animal conforme a tradição metafísica, i.e., o humano é *Zoon Logon Ekon*, essência que o diferencia dos animais por lhe acrescentar a determinação da fala. Para Heidegger, o aspecto metafísico da linguagem legado pela tradição leva a inquirição a tomar de princípio a palavra como forma sonora e como desígnio de uma coisa. Herder elabora essa distinção numa separação entre círculos vitais: o animal teria um pequeno círculo vital, o que significa que se interessa por poucas coisas, tem poucas habilidades que são bem desenvolvidas e por isso tem segurança e força. Pensado ontologicamente por Heidegger, o círculo vital pode ser determinado como “mundo”<sup>1</sup>, quanto menor o círculo ou “mundo”, tanto mais recolhido tudo, menos necessária a linguagem. O humano tem um círculo vital grande, amplas capacidades, por isso é fraco e vacilante.

Tendo em vista que cada animal possui seu círculo ontológico, é importante notar que o círculo sendo amplo gera dispersão, enfraquece (como a águia que deve lidar com diversas coisas); o círculo sendo mais recolhido, menor o mundo e menos necessária é a linguagem (como formigas<sup>2</sup>); mas mesmo a águia vendo longe, seu círculo é relativamente restrito, pois deve ser cega para muita coisa, pois o círculo é definido pelo interesse do ser vivo. Mas, ao contrário dos outros animais, o humano não se liga a um círculo de interesse, se interessa por tudo, está desvinculado, é livre pois seu círculo é tudo. Por esse motivo, suas capacidades estão dispersas.

Heidegger afirma que: se, por um lado, para Herder o humano seria um nato mudo, não dotado pela natureza com a fala, a reflexividade, por outro lado, permitiria a formação da palavra interior que pode ser depois exteriorizada. Herder pensa o humano pela reflexividade entendida como: ouvir atento e ‘ter-em-vista’ contemplativo; que Heidegger esclarece respectivamente como um espaço vazio e um se direcionar para algo.

<sup>1</sup> As aspas inseridas por Heidegger podem, embora ele não o explicita, remeter ao conceito de “mundo” como reino dos objetos possíveis e da multiplicidade de entidades, ontologizado por Descartes como *res extensa*. O que se opõe ao conceito existencial e categorial de mundo, como definido em Ser e Tempo. Embora Heidegger deixe aqui apenas entrever links com Ser e Tempo

<sup>2</sup> Melhor que a formiga nos parece ser a bactéria, para o exemplo; pois tem de lidar com menos coisas que a formiga, não precisando de audição e visão, por exemplo.



Mas, afirma Heidegger, refletir é apreender o ente como tal, sem sua consistência e mesmidade.

Na perspectiva do autor, Herder afirma um nível simples da linguagem que seria um sentir coletivamente que os animais também possuem, como estando próxima da natureza, mas não sendo suficiente para o surgimento da linguagem humana. Do contrário, as raízes estão na reflexividade, de modo que a fonte da linguagem humana seria a razão expressa. Heidegger afirma que Herder quer mostrar a linguagem como um dom indireto da natureza, é para isso que a reflexividade é afirmada como natureza do humano. Reflexão sendo entendida como um “ouvir atencioso e ter em vista contemplativo” (p. 21) onde o sujeito toma consciência de si mesmo por um “reconhecer junto a si algo como isso e aquilo” (p. 21).

Uma questão que ainda hoje podemos colocar é sobre como surgiu a primeira palavra e se ela já fazia sentido por si ou se pressupunha outras palavras; além disso, seria preciso saber se surgiu individualmente ou coletivamente. A essas questões, o livro traz uma possibilidade de resposta: a formação da linguagem vem da observação dos entes, encontrando algo neles que se deixa distinguir dos outros entes, sendo uma marca característica desse ente que será a base para a formação das primeiras palavras. Assim pensada por Herder e Heidegger, a palavra tem precedência e é essencialmente mais rica que a linguagem enquanto sistema e totalidade. Heidegger faz um adendo, sem, todavia, desenvolver, afirmando que a pronúncia, intenção e significado são equitativamente originários e fundados na essência do ser ele mesmo, pois mesmo a pronúncia já pressupõe a luta e a clareira.

Heidegger também investiga o significado do *inventar* que responde pela origem da linguagem: inventar pode ser achar, descobrir um algo simplesmente dado ou elaborar algo em geral ainda não dado; os cristãos acoplaram a esse sentido a “*creatio*”; mas é, em suma “questão pela proveniência” (p. 76) de algo; de modo que o que é inventado na criação da linguagem é um suporte para o sentido, pois é na linguagem que adere pela primeira vez o significado.

É bastante interessante quando Heidegger mostra que Herder se debruçou sobre os sentidos como suporte da linguagem: o ouvir é pensado como centro do sensório, posição intermédia entre o mais grosseiro e o mais fino dos sentidos, a saber, entre o tato e a visão. A visão é a mais ampla dispersão e o tato é demasiado focado; o ouvir é



que possui aproximação indiferente a se é escutado um falante no quarto ou pelo telefone, indiferente à distância. Por outro lado, a visão é fria e indiferente, permanecendo tranquila frente ao que intui, mas a audição penetra intimamente na alma, sem ensurdecê-la, permitindo um contato com as coisas mesmas. Nesse ponto, o leitor pode se levado apensar na audição como sentido que mais leva o humano para fora do solipsismo e o põe com o diferente de si, os entes.

Por fim, temos novamente indicações de como Heidegger responderia as questões levantadas por Herder, pois ele afirma que a palavra não só funda o “mundo”, mas é do ser e guarda a clareira do *pré* (o *da* de *dasein*). O essencial, na fala, estaria no “humor – (clareira – ardor silente) e [na] ‘voz’ a partir do emudecimento.” (p. 45), ou seja, o som que é escutado ganha significado contra o pano de fundo do silêncio. O autor crê encontrar em Herder um impulso contra o oco e a infecundidade dos conceitos, contra a regra de apreensão sem-fundamento e o cálculo racional, em favor da paixão da excitação, em defesa da sensação da vida. Ainda, nos parece que Heidegger antecipa uma tese de Jaques Derrida sobre a determinação da escrita sobre a fala: “onde nós ouvimos, já tomamos, na maioria das vezes, o falado e o falar, ‘por escrito’. Mas escrito, jamais como anotação transcrita da pronúncia, mas transformação [...] A língua legível na escrita modifica também o falado e o dito – o ente.” (p. 87).

Nos protocolos das aulas feitos pelos alunos encontramos uma ótima exposição daquilo que estava ainda fragmentado, pouco claro nas notas de Heidegger, sendo um complemento essencial às próprias lições, de sorte que lidos simultaneamente atingimos um pouco melhor aquilo que se passava na sala de aula.

Assim, pelas notas ficamos sabendo que a questão da essência da linguagem é pensada por Heidegger como teleológica e só é filosófica onde o humano é questionável para si e se transformou em *subjectum* na modernidade. Por só se formular na modernidade, o questionar pela linguagem tem como acessível na linguagem o fonético e o escrito, ou seja, o elemento físico; por isso a tradição toma o princípio inicial da linguagem como algo sobre o qual se decidisse na gramática e na lógica (como até Hegel e Nietzsche pensaram). Assim, a essência do humano pensada no início do pensamento ocidental termina por ocultar a relação do fonético (dizer) com o ente (pensar). Pois o humano foi definido pela *ratio*, tradução latina para *logos*, que significa reunir e colher, mas



reunir é um pensar e além disso é também um dizer; por isso o humano é definido como animal da fala ou linguagem.

Pois, conforme os protocolos, Humboldt teria pensado o humano enquanto humano sendo definido pela linguagem, mas, paradoxalmente, para que esse invente a linguagem, ele precisou já ser humano; logo a linguagem não pode ser inventada. Por isso pensava-se antes de Herder numa origem divina, pós o qual, somos tentados a imaginar que houve algum tipo de inversão, fazendo do humano o divino criador; ou, mais precisamente, a natureza parece assumir o posto de criador dotando o humano de reflexividade. Mas Herder busca a origem na fonética o que mostra que ele entende a origem como vida que brota da fonte<sup>3</sup>.

Também encontramos uma abordagem ao problema lapidar levantado por Heidegger sobre a essência do humano: pode ela ser determinada a partir de outro lugar que não o logos? Os protocolos apresentam duas alternativas para a essência do humano: a) humano é o animal com mãos; b) o animal que usa instrumentos. Todavia, para nós essas definições ainda permanecem na tradição no sentido de reafirmar o lugar de centro do humano em relação aos entes e outros seres vivos, pois outros animais também usam instrumentos e mãos.

Um exemplo claro da relação entre o som, o ouvir e o falar vem de Herder ao tratar da escuta da ovelha que bale: quando ouvida pela criança pela primeira vez, a criança apontará para a ovelha e dirá “mécé”, querendo dizer: tu és a que faz mécé, um ente. Conforme os protocolos, vemos que Heidegger interpreta à sua maneira e em diálogo com seu pensamento, o exemplo de Herder: “na frase tu és o que bale o que é dito propriamente não é a reprodução sonora do tom, mas o ‘é’ do que bale ... a linguagem estabelece a concepção do homem do ente e sua relação em e para o ente.” (p. 178)

Por fim, concordamos com Heidegger no que toca ao fato de a pesquisa científica em geral e da linguagem em particular seguir ainda a direção já traçada por Herder, buscando a origem entendida como um surgimento histórico a partir do qual se desenvolvem todas as línguas existentes. E, como a ciência busca reduzir algo ocorrente a outro (causalidade), perde justamente o essencial daquilo para que se dirige. Nesse sentido, este texto de Heidegger é essencial não apenas para os

<sup>3</sup> Definição do sentido da questão pela origem que nos parece ainda pouco clara no texto.



estudiosos do pensador como também para os estudiosos da linguagem que queiram repensar os princípios que seguem em suas investigações. Todavia, ao leitor não familiarizado com o pensamento de Heidegger ou de Herder, o texto ficará impenetrável.

### Referências

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2015.